

## **Nota sobre os cento e cinquenta anos da Geografia checa. (Recensão de um estudo de Leoš Jeleček).**

**José Ramiro Pimenta<sup>1</sup>**

1. No número 6 da Rua Albertov, em Praga, está situado o Instituto de Geografia da Universidade Rei Carlos, a escola que mais tradições detém na longa história da Geografia checa. Ocupa alguns pisos de um edifício da Faculdade de Ciências, pelo que partilha os espaço com outras ciências da Natureza, ao contrário do que é uso nas universidades portuguesas, onde a tradição sempre favoreceu a inserção nas faculdades de Letras. Não posso deixar de referir a satisfação que senti quando encontrei estudantes portugueses nos corredores do Instituto de Geografia da Faculdade de Ciências da Universidade de Praga. Quando cumpridos, os programas de mobilidade internacional são o que de mais importante possui a política do ensino universitário à escala europeia.

Exteriormente, o edifício é imponente, à semelhança de toda a área da cidade em que se integra, construída no período à volta dos anos da constituição da Checoslováquia como estado independente. O interior exhibe a arquitectura sólida que é característica dos ‘templos da ciência’ desse tempo, com largos corredores a organizar os pisos para que abrem as portas das salas de aula e gabinetes de investigadores. A forrar inteiramente as paredes podem ver-se expositores cujas vitrines exibem exemplares minerais e vegetais, cartas e plantas, diagramas e modelos. Apesar do aspecto algo severo, a sua formulação clássica não deixa de se tornar agradável a quem a visita.

À maioria dos geógrafos portugueses, que mal conhece a história da sua própria ciência, poderá parecer estranho que se dediquem estas páginas à evolução de uma tradição geográfica tão distante. Cremos que tal se justifica pelo menos por duas ordens de razões: por um lado, a existência de intercâmbios cada vez mais numerosos, por parte de professores e alunos, entre as universidades de Portugal e da República Checa; em segundo lugar, e não menos importante, para poder contribuir para uma geografia cultural e histórica do Pensamento geográfico que não privilegie apenas as narrativas majestáticas das grandes escolas internacionais.

Esta breve nota segue, no essencial, o estudo de Leoš Jeleček: ‘An outline of Czech geography since the second half of the 19<sup>th</sup> century until the 1980s’. In D. Drbohlav, J. Kalvoda e V. Vozenilek, eds., *Czech Geography at the Dawn of the Millennium*. Olomouc: Czech Geographic Society and Palacký University. 11-22. As poucas citações que se fazem vão referidas pelo número de página deste estudo.

---

<sup>1</sup> Professor Associado do Departamento de Geografia, FLUP, jpimenta@letras.up.pt

2. A evolução de uma disciplina científica não pode ser desligada dos conetxos políticos e sociais nos quais se desenvolve. A evolução dos últimos cento e cinquenta da Geografia checa não pode, assim, dexiar de inserir-se na ordem geopolítica da nação a que pertence. Em meados do século dezanove, momento em que se funda modernamente aquela ciência, a nação checa era parte da monarquia multinacional dos Habsburgo a que, com um grau maior ou menor de independência, estava sujeita á dominação desde o século dezassete. Antes, a evolução geopolítica da Europa medieval havia privilegiado as relações do território com o Sacro-Império Romano-Germânico. Um seu monarca, Carlos IV, Rei da Boémia, viria justamente a ser o fundador da Universidade de Praga que ainda hoje ostenta o seu nome. Em 1919, no rescaldo da Primeira Guerra Mundial e conseqüente abolição dos impérios do leste da Europa, a nação checa torna-se um Estado independente, agregando a si a Eslováquia e tomando por isso o nome de Checoslováquia. Este estado, que não assiste a grandes modificações de fronteiras até 1989, momento da secessão da Eslováquia como estado independente, cumpre ainda assim um trajecto conturbado. Ao longo da segunda metade do século vinte, sofre sucessivamente a violência da invasão da Almenha nacional-socialista e a humilhação da ‘normalização comunista’ por parte das forças do Pacto de Varsóvia. A Geografia, nalguns casos de um modo trágico, vai ressentir-se.

3. A afirmação nacionalista checa e a relação que mantém com o ‘internacionalismo’ alemão é fundamental para compreender a evolução da Ciência no seio da nação checa, e assim também da Geografia. O século dezanove, saído da seminal experiência da Revolução, é um período que irá ver eclodir por toda a Europa réplicas da experiência francesa. A geografia dessa difusão obedece às condições políticas e económicas que são diversas nas diferentes regiões dentro do continente. A Europa de Leste será uma das últimas regiões europeias a conhecer o sucesso da democracia parlamentar e do capitalismo; mas em 1848-49 essa profunda transformação chega pela primeira vez à nação checa e dará progressivamente origem a uma elite urbana e culta que vê na Ciência um dos domínios mais necessários à afirmação nacionalista, maturando um movimento intelectual e cultural com importantes antecedentes que está associado ao esforço do ‘fundador dos estudos checos e eslavos’ (p.12), o linguista e historiador Josef Dobrovský (1753-1829).

A institucionalização da Geografia checa é levada a cabo na Universidade de Praga. Esta universidade, de fundação medieval, é ela própria sensível à mesma linha de divisão que opõe a visão nacional da cultura checa face ao domínio histórico do mundo de expressão alemã. Contendo inicialmente as duas tendências dentro de si, não resiste ao aprofundamento das tensões trazidas pela afirmação crescente do nacionalismo checo – em 1882 a secessão da parte alemã da Universidade dá origem à Universidade Alemã de Praga.

O impulso nacionalista vai ajudar a criar ou a desenvolver outras instituições de índole científica e em cujo contexto os estudos geográficos ou de ciências próximas se irão desenvolver e divulgar em revistas de difusão alargada entre uma elite checa cada vez mais significativa. Entre os muitos exemplos está o Museu Nacional que, fundado nos primeiros anos do século dezanove, logo publica uma revista, de que F. Palacký é editor, onde os temas da história checa são dominantes, mas onde a Geografia, ainda que ainda como instrumento auxiliar da História vai já despontando.

A relação íntima entre a Geografia e a História está igualmente presente na Universidade. Será nas aulas de Historiografia da Faculdade de Filosofia que a Geografia universitária dará os seus primeiros passos, associada aos estudos, a partir da toponímia, etnografia, topografia, das fronteiras da Nação e da evolução do povoamento desde os tempos medievais.

É no contexto dos estudos de uma Geografia histórica ao serviço da afirmação da nação checa no quadro expansionista do mundo germânico que surgem os nomes dos dois eruditos que são considerados os ‘fundadores’ da Geografia checa moderna, Jan Palacký e Dionýz Grűnn, associados respectivamente às tendências nacionalista e germanista da Universidade de Praga. O primeiro ministrava as suas aulas predominantemente em checo, o segundo exclusivamente em alemão. Em 1882, D. Grűnn passa a leccionar apenas na Universidade Alemã de Praga; a partir deste momento ‘as duas Geografias, checa e alemã evoluem separadamente’ (p.14).

A década de noventa, momento de clímax das lutas políticas e sociais na nação checa, representa a afirmação definitiva do nacionalismo em todas as instâncias da produção científica. É fundada a Academia Checa das Ciências, com o intuito explícito de substituir a sua congénere oitocentista fundada sob a égide da dominação intelectual alemã; a ela se juntariam inúmeras sociedades científicas de âmbito mais restrito, como a Sociedade Histórica, a União dos Matemáticos e Físicos ou a União Filosófica; periódicos novos surgem e os temas eslavistas ganham notoriedade. A Geografia não está alheia a este movimento de afirmação erudita e científica: em 1 de Maio de 1894 é fundada a Sociedade Checa de Geografia e ainda nesse ano a sua revista é publicada, iniciando uma série centenária que só as guerras incidentalmente interrompem. No ano de 1895 já a Sociedade envia delegados ao VI Congresso da União Geográfica Internacional que se reúne em Londres.

A maturidade da Geografia checa, possibilitada pela secessão da parte alemã, materializa-se na criação, sob a direcção de J. Palacký e a assistência de Václav Švambera, do Instituto de Geografia da Universidade de Praga e da publicação numa língua de difusão internacional da série *Travaux Géographiques Tchèques* onde a componente de trabalhos de natureza histórica é ainda dominante. O tempo e o lugar em que a Geografia checa se institucionaliza não poderiam deixar de reflectir uma forte influência da Geografia alemã, sobretudo de Carl Ritter cuja ‘abordagem histórica se enquadrava com a dos geógrafos checos’ (p.14). Contudo, nos anos que antecedem a Segunda Guerra Mundial, a escola geográfica regional de expressão francesa já se insinua, ao que não terá sido alheia a atenção pessoal de De Martonne.

4. Após a independência (1919) abre-se um período notável na Universidade checa. São criadas e juntam-se à Universidade de Praga duas novas escolas: a Universidade Masaryk e a Universidade Komenský, respectivamente em Brno (Morávia) e Bratislava (Eslováquia). Geógrafos licenciados na Universidade de Praga são recrutados para os cursos de Geografia das novas universidades.

Pouco tempo depois dá-se um acontecimento de enorme importância na institucionalização da Geografia checa: é fundada a Faculdade de Ciências da Universidade de Praga, no seio da qual vai realocar-se o Instituto de Geografia originalmente adstrito à Faculdade de Filosofia, cuja responsabilidade de direcção é

agora de V. Švambera. Esta localização permitirá um desenvolvimento da parte física da Geografia, a que não é alheia a influência do geógrafo sérvio Jovan Cvijič, fundador da geomorfologia cársica, em pé de igualdade com a componente histórica que antes era naturalmente privilegiada. Esta, de resto, continuaria possante, como se depreende do enorme esforço dispendido na edição, dirigida por Švambera, dos *Monumenta Cartographica Bohemiae*, em 1938.

O robustecimento da disciplina não passou despecebido ao Estado. A Geografia torna-se progressivamente mais aplicada e estabelece ligações com outros organismo oficiais. Os estudos sobre o povoamento e a fronteira tornam-se proeminentes; propõem-se as primeiras tentativas de divisão regional do país; as relações com os militares estreitam-se nos domínios da geodesia e cartografia de grande escala; a Geografia económica comercial é ensinada por geógrafos na Escola de Ciências Económicas; estudos de Geografia demográfica são levados a cabo no Gabinete de Estatística do Estado.

A publicação, em 1935, do primeiro *Atlas Nacional da Checoslováquia* coroa o trabalho de toda uma geração de geógrafos do período de entre-guerras. As influências internacionais vão-se diversificando. A influência alemã já não detém o monopólio da Geografia checa (p.15), onde se insinua cada vez mais dominante a influência francesa, se robustece a influência de Cvijič, e surge já uma distinta influência anglo-americana no trabalho de J. Moscheles, que a invasão hitleriana fará refugiar-se no exército dos Aliados com o qual luta pela libertação do seu país.

As condições políticas da Europa central degradam-se e a guerra torna-se uma realidade inevitável. O Acordo de Munique é apenas o prenúncio de uma dura invasão por parte das forças da Alemanha do III Reich. Em resposta à justa indignação dos estudantes, as universidades são encerradas pelo novo poder, a Gestapo. No decurso da guerra, vários geógrafos são executados em campos de concentração. Termina, de uma forma trágica, uma época de ouro da Geografia checa.

5. Finda a ocupação alemã, a Geografia checa retoma o curso normal: são reabertas as universidades de Praga, Brno e Bratislava; a revista da Sociedade Checa de Geografia volta a ser publicada. Em 1946 é fundada a nova Universidade Palacký em Oloumec.

Em Fevereiro de 1948 o Partido Comunista toma o poder e mais uma vez a vida universitária conhece alguma perturbação. São expulsos alguns professores e é imposto um modelo único de investigação sob a égide do ‘marxismo-leninismo científico’. A ele se associa um modelo específico de organização do edifício científico, com origem no equivalente soviético; a investigação universitária é esvaziada e surgem os grandes institutos de pesquisa dependentes de um organismo central: a Acedemia Checa das Ciências.

Dentro da nova Academia é recriado, em 1963, o Instituto de Geografia, responsável pela publicação ao longo de três décadas da série *Studia Geographica*. Aprofundam-se as áreas de investigação já existentes e são criadas algumas novas, especialmente no domínio da ecologia. Do esforço conjunto dos geógrafos deste período surgirá em 1966, tal como três décadas antes, uma síntese cartográfica da

geografia nacional, o *Atlas da República Socialista da Checoslováquia*. A tradição da Geografia histórica continua igualmente viva e produzirá pela mesma altura um atlas histórico correspondente. É este também o tempo de inúmeras obras colectivas de síntese geográfica.

No fim da década de sessenta, o Partido Comunista da Checoslováquia ensaia um modelo ‘socialista de rosto humano’ que leva à intervenção militar por parte das forças do pacto de Varsóvia. É mais uma ‘interferência negativa na evolução da Geografia checa’ (p.18). Um estudante universitário, Jan Palach, imola-se pelo fogo defronte da fachada simbólica do Museu Nacional, num lugar hoje assinalado por uma escultura; pouco tempo depois, um outro estudante, Jan Zajíc, repete o acto de Palach. Apesar destes esforços heróicos, a ‘normalização’ da vida académica checa é levada a cabo. A Universidade retrai-se e a sua investigação reduz-se consideravelmente, concentrando-se nos domínios mais neutros que não colidam com a nova ordem política. Ainda assim é importante a investigação levada a cabo nos domínios da Geomorfologia e Ecologia.

Duas décadas passadas sobre a ‘normalização socialista’ a Checoslováquia conhece duas transformações profundas da sua vida política: a ‘Revolução de Veludo’ termina meio século de dominação comunista e estabelece uma organização democrática de tipo ocidental; no seu seguimento, assiste-se à secessão da Eslováquia e, assim, à criação de dois estados independentes no território do estado que havia nascido em 1919. Em poucos anos a atenção dirige-se no sentido do Ocidente, tornando-se ambos membros da União Europeia. No que toca à Geografia, este é o tempo de recuperação dos velhos laços de convivência com o mundo ocidental, e de actualização de uma investigação que nas últimas décadas não se havia podido acompanhar.